



ENSINO-APRENDIZAGEM E TREINAMENTO DOS COMPORTAMENTOS TÁTICO-TÉCNICOS NO FUTEBOL

Israel Costa^{1,2,3}

Pablo Greco²

Júlio Garganta³

Varley Costa^{1,2}

Isabel Mesquita³

¹ Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH, Belo Horizonte, MG-Brasil

² Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, MG-Brasil

³ Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, FADEUP, Porto, Portugal- Brasil

Resumo: A evolução do nível tático-técnico no Futebol passa, inevitavelmente, por processos de ensino-aprendizagem e treinamento cada vez mais ajustados às exigências da modalidade e às necessidades de aperfeiçoamento dos praticantes. O jogo de Futebol é algo construído pelo Homem e, logo, dependente de valores culturais concretos. O ponto de vista sustentado no presente artigo concebe duas vertentes complementares: ensinar a jogar o jogo com o objetivo de transmitir valores culturais e educativos, e, paralelamente, perseguir o propósito de provocar melhorias no desempenho. Levando em consideração essas vertentes, neste trabalho são apresentados subsídios a propósito de aspectos táticos e técnicos considerados estruturantes na formação dos praticantes. Para tal, foram revisados artigos com essa temática que apresentam impacto internacional definido pelo Qualis da Capes. Os processos de ensino-aprendizagem e treinamento aqui referenciados têm como eixo norteador os praticantes, nomeadamente no que diz respeito às suas experiências, bem como aos processos volitivos e de maturação. Deste modo, advoga-se que os aspectos cognitivos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem se revestem de significativa importância nas fases iniciais da prática. Além disso, pressupõe-se que durante a evolução, nas diferentes fases de rendimento, tanto o conhecimento quanto a habilidade dos praticantes vão se desenvolvendo à medida que as experiências são adquiridas, propiciando o aperfeiçoamento dos comportamentos técnicos e táticos inerentes ao jogo de Futebol.

Palavras-Chave: futebol, ensino-aprendizagem, treinamento, tática, técnica.

TEACHING, LEARNING AND TRAINING TACTICAL AND TECHNICAL GAME SKILLS IN SOCCER

Abstract: Soccer evolution is carried out through more and more appropriate teaching and training practice. Soccer game is something built by humans and, therefore, dependent on concrete cultural values. From this point of view it is feasible to set out two congruent intentions: to teach Soccer with the purpose to improve cultural and educative values; to teach it with the aim of improving game performance. This essay provides information about the technical and tactical features that are essential for teaching, learning and training Soccer.

To accomplish this goal, many articles with international impact defined by the Qualis/Capes were revised. The teaching, learning and training processes mentioned in this article take into account the player's experiences, motivation, biologic maturation and, mainly, cognition constraints at the early stages of practice. Furthermore, it is presumed that during the different steps of evolution, the awareness and skills of the game player's develop according to the acquired experiences, contributing to the improvement of the tactical and technical Soccer skills.

Keywords: teaching, learning, training, soccer, game skills.

INTRODUÇÃO

Com uma popularidade cada vez maior, o Futebol promove o envolvimento direto e indireto de pessoas de todas as idades, sexos e classes sociais, suscitando práticas culturais, mobilizando recursos financeiros e a mídia. No que respeita aspectos institucionais e de desenvolvimento do esporte, observa-se que o Futebol possibilita o estabelecimento de estreitas relações com vários setores da organização social, como a indústria, o comércio, o turismo, as políticas públicas, os setores de organização e promoção de esportes em diferentes locais e com diferentes níveis de rendimento (clubes, federações, comitê olímpico nacional e internacional órgãos municipais, estaduais, regionais e federais).

No âmbito do ensino, as metodologias e o conhecimento científico, paradoxalmente ao crescimento do interesse da sociedade por este esporte, não apresentaram um avanço que suportasse toda a gama de possibilidade das práticas. Uma explicação para a escassez de estudos e conhecimentos foi levantada por Garganta e Pinto (1998) que apontaram como possível causa a resistência de muitas pessoas envolvidas no Futebol em receber e produzir novos conhecimentos, partindo do pressuposto que no Futebol tudo já foi inventado.

Porém, no âmbito metodológico do treino o Futebol ainda necessita evoluir para promover um jogo ainda mais dinâmico e espetacular. Nesse sentido, a respectiva evolução passa, inevitavelmente, por uma melhoria no processo pedagógico de ensino dos aspectos técnico-táticos do jogo, que no ponto de vista aqui defendido, deve ser concebido sobre duas vertentes que se complementam: ensiná-lo com o objetivo de transmitir valores culturais e educativos, e paralelamente ensiná-lo com o propósito de provocar melhorias no desempenho. A primeira tem a ver com a intenção do professor em transmitir aos seus alunos, através do ensino do Futebol, aspectos culturais relacionados com o tema, como origem e desenvolvimento do jogo e, na sua prática, os valores educativos como respeito ao colega, espírito esportivo, solidariedade, cooperação, autonomia, conhecimento das limitações, etc. Neste contexto, as atividades desenvolvidas objetivam educar e motivar para a prática. Paralelamente, tem-se como objetivo, apresentar ao aluno desafios que gradativamente o capacitem a superar obstáculos e a enfrentar as dificuldades – não só na prática, bem como nas situações que a própria vida apresenta. O Futebol nesta visão se desenvolve a partir da coordenação de vontades, dos saberes, das destrezas, das estratégias, do poder de decisão e das habilidades táticas e técnicas, na utilização dos materiais esportivos específicos e apropriados para cada faixa etária com os quais lida na ocupação do tempo e do lugar. Esta face reúne nos seus objetivos o ensino do jogo de uma forma global, onde todos os alunos terão acesso às informações importantes para o seu desenvolvimento, de forma a motivá-los para o aprendizado e para uma prática sem discriminação.

A segunda concepção que se integra gradativamente no processo educativo se desenvolve na visão de um ensino do jogo com a intenção deliberada de propiciar ao praticante o desenvolvimento do seu potencial técnico-tático, integrando-o com os aspectos físicos e/ou psicológicos. Esta visão de ensino busca identificar os problemas mais pertinentes presentes no jogo elementar e os indicadores de qualidade do jogo de elevado nível, para, a partir dessas informações, sistematizar os conteúdos

de ensino, definir os objetivos e selecionar os exercícios para concretizar as fases de ensino e treino. Nesse contexto, o praticante, já considerado um atleta, irá participar de sessões de treino que lhe propiciem a promoção de maneira sistemática e graduada de melhores desempenhos técnicos e táticos, melhor resposta física e maior compreensão e entendimento tático-estratégico do jogo.

Perante a análise das tendências do jogo em apresentar diferentes características que solicitam dos jogadores a interiorização de diferentes atitudes e comportamentos, considerando que no futebol atual é necessário prever a utilização de diferentes comportamentos tanto individuais quanto coletivos para a solução de problemas técnico-táticos - este artigo tem como principal objetivo apresentar subsídios a propósito da importância dos aspectos táticos e técnicos para o desempenho no esporte, assim como identificar pontos importantes para o processo de ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos técnico e tático no Futebol, especialmente para crianças e jovens. A concepção teórico-pedagógica que sustenta a proposta deste trabalho baseia-se nas duas vertentes já citadas: ensiná-lo com o objetivo de transmitir valores culturais e educativos, e paralelamente ensiná-lo com o propósito de provocar melhorias de desempenho técnico-tático nos praticantes.

EXIGÊNCIAS DO JOGO DE FUTEBOL QUE SOLICITAM ATENÇÃO NA ELABORAÇÃO DE PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E TREINAMENTO

Ao longo dos anos o Futebol evoluiu técnica e taticamente consolidando-se, assim, alterações que foram determinantes para o seu estabelecimento em diversos setores da sociedade como o turístico, o recreativo, o comercial, o científico, etc. Dentre as suas mais diversas definições, que compreendem o interesse de cada setor mencionado, pode-se dizer que, o Futebol integra o conjunto dos denominados jogos esportivos coletivos (*JEC*) na subcategorização de jogo de invasão, devido ao jogo ocorrer no mesmo espaço ou terreno de jogo e ter simultaneamente ações de cooperação entre colegas da equipe, e de oposição por parte da equipe adversária (MORENO, 1994).

Os *JEC* possuem características similares que são também peculiaridades entre si. Por exemplo, o móbil do jogo, o terreno marcado com linhas que delimitam o campo de jogo, uma meta a atacar e outra a defender, companheiros, adversários, árbitros e regras de comportamento dos participantes claramente definidas. Estes aspectos constituem um sistema integrado de vários subsistemas, influenciados e dependentes das condições em que a oposição-colaboração, pressão temporal, adaptabilidade ao espaço, ao material (bola), cooperação e organizações táticas que determinam a aplicação de técnicas específicas de ação que se desenvolvem em um campo no qual os acontecimentos são aleatórios. Durante o confronto as duas equipes objetivam articular e sintonizar ações técnicas e táticas com a finalidade principal de transpassar a bola na meta do adversário (TEODORESCU, 1984; BAYER, 1986; GRECO, 2003).

Além de possuir todos esses atributos, o Futebol também se destaca pelas características que o diferencia dos outros esportes que compõem o conjunto dos *JEC* como: maior espaço de jogo, tempo reduzido de ações do jogador com a bola, regra do impedimento que limita as ações e decisões dos jogadores que se encontram no processo ofensivo, baixa interferência do treinador na equipe durante a partida ocasionada pela ausência de tempos técnicos e pela distância a que o mesmo se encontra de alguns jogadores, e a estabilidade psíquica devido ao baixo número de gols na partida (BAUER; UEBERLE, 1988; JÚLIO; ARAÚJO, 2005).

O Futebol se desenvolve em um contexto complexo para a tomada de decisão, não apenas por causa da multiplicidade de componentes que se interagem (p.ex., jogadores, bola, árbitros, dimensões, etc.), mas também em razão das suas características dinâmicas, da sua natureza cooperativa e de oposição simultâneas, onde as condições e situações de jogo mudam

constantemente ao longo do tempo. Portanto, as ações dos participantes necessitam ser continuamente geradas, recriadas e reconstruídas através da auto-organização e interação existente entre os diferentes agentes; ou seja, é um processo que está dependente da componente situacional (GRECO, 1998; JÚLIO; ARAÚJO, 2005; ALVES, 2007). Certamente fatores como alternância da atenção e desenvolvimento da capacidade de antecipação se constituem em aspectos fundamentais para a correta tomada de decisão, o que pressupõe que atividades com essas exigências estejam presentes no processo de ensino-aprendizagem e treinamento

Cientificamente, a expressão popular “caixinha de surpresas” utilizada pelos torcedores para mencionar a imprevisibilidade do jogo de Futebol, pode ser explicada pelo fato do jogo de Futebol se desenvolver em um meio ambiente em que prevalece uma relação aberta. Isto é, a ação de um jogador é consequência da interação de capacidades perceptivas, processuais, táticas, técnicas, físicas, psicológicas e de tomada de decisão, que coordenadas juntamente com todas as ações de outros jogadores da equipe possibilitará recuperar, conservar e mover a bola para atingir o objetivo do jogo, o gol.

O êxito da ação no jogo depende, em grande escala, da qualidade e da precisão com que o participante relaciona os diferentes intervenientes com as distintas intenções táticas necessárias considerando a atuação dos participantes, das características próprias do momento do confronto competitivo, do nível de conhecimento e de experiências similares vividas até o momento da ação (GARGANTA, 1997; GRECO, 1998; BUSCÀ; RIERA, 1999; GARGANTA, 2006).

Assim, o desempenho motor e o recurso técnico utilizados pelo jogador durante uma partida são condicionados pela simultaneidade das ações técnico-táticas individuais e coletivas realizadas em congruência com as ações dos adversários. Pelo fato de reunirem muitos fatores interdependentes, torna-se difícil executar, em todo momento, as mesmas ações de sucesso que levam ao gol. Isto implica, na maioria das vezes, uma supremacia da defesa sobre o ataque, pois a iniciativa da decisão sempre é mais complexa que a reação.

Para Júlio e Araújo (2005) essa supremacia pode ser explicada pelo fato da organização defensiva se beneficiar dos erros e das ações mal elaboradas pelo sistema ofensivo adversário e também pela defesa conseguir, às vezes, ser mais eficaz em suas ações técnico-táticas coletivas. Para eles, seria também mais fácil atingir os objetivos se as equipes fossem encorajadas a serem menos previsíveis e mais inventivas na procura da criação de maiores dificuldades à defesa adversária.

Por esses motivos, não é difícil assistir um jogo e perceber que a equipe que se sobressaiu técnica e taticamente durante o mesmo foi a derrotada ou a equipe que passou maior parte do tempo com a posse de bola marcou menos gols. Por vezes é possível observar uma equipe atingir a vitória no jogo com menos posse de bola e com um único remate, simplesmente porque aproveitou o momento de desequilíbrio ou de perturbação na organização da equipe adversária.

O Futebol atual exige um ritmo acelerado, que requer dos jogadores um empenho permanente para se tomar decisões. Assim, observa-se que são crescentes as exigências em relação a solicitar uma maior velocidade de processamento da informação e da execução técnica (GARGANTA, 1999; RAMOS, 2006). Para os autores citados, essa velocidade deve ser concebida na perspectiva de interligação da percepção, da tomada de decisão e das ações motoras, de forma que se sobrevaloriza a importância da leitura e velocidade de jogo. É necessário entendê-la com uma grandeza tática e técnica, perceptiva e informacional. Assim, qualitativamente, a velocidade no Futebol está relacionada com o ajustamento temporal e espacial das execuções, onde a correspondência entre a velocidade física e mental é determinante na forma de se alternar soluções inteligentes às exigências de jogo.

Essas exigências são tão elevadas que obrigam os jogadores a observarem, processarem e avaliarem as situações, e ao mesmo tempo elegerem a melhor solução para surpreender o adversário tanto técnica, quanto taticamente. Um lapso de tempo nessa tomada da decisão pode comprometer todo o resultado da ação. Por exemplo, um jogador que no momento de recepção da bola se encontra em excelente posição para finalizar ou penetrar, se demorar a tomar a decisão, mesmo que esta

seja correta, quando a executar já não será a mais ajustada ao enquadramento particular em que momentaneamente se encontra.

Assim, os jogadores que se destacam no seu rendimento esportivo possuem um nível de conhecimento declarativo e processual mais organizado, capacidades perceptivas mais eficientes, bem como um reconhecimento de padrões de jogo mais rápido e eficaz. Estes parâmetros se traduzem a partir de um conhecimento tático superior, maior capacidade de leitura da situação de jogo e, conseqüentemente, de antecipação dos acontecimentos do jogo. Ou seja, existe uma relação direta entre um melhor conhecimento das probabilidades situacionais, capacidade de decisão mais rápida e eficaz e habilidades técnicas bem apuradas para corresponder às exigências táticas (LÁZARO; OLIVEIRA, 2002; MESQUITA; GRAÇA, 2002; SILVA; FIGUEIREDO; BRAL *et al.*, 2002).

Contudo, o jogador de Futebol diferenciado no plano técnico e tático é aquele que possui melhor seleção e capacidade de conexão das informações, reorganização sensorial de controle do movimento e conhecimento específico do jogo. A união destas características vai permitir-lhe jogar de forma mais dinâmica e eficaz, possibilitando variações na velocidade e realização do jogo, em conformidade com os requisitos táticos e técnicos.

A TÁTICA COMO ASPECTO NUCLEAR NO FUTEBOL

A tática não deve ser entendida apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo, mas como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Ela oportuniza relacionar o conjunto de normas e comportamentos que permitem utilizar de forma ótima os próprios meios condicionais, motores e psíquicos, aproveitando os conhecimentos adquiridos em experiências anteriores, na observação, na captação e apreciação da situação de jogo; de forma a oportunizar a decisão mais ajustada face às regras do jogo, às condições externas, e às capacidades, linhas de conduta e forma de jogar do adversário (KONZAG, 1991; MESQUITA; GRAÇA, 2002; DUARTE, 2006).

A tática também pode ser considerada como uma capacidade senso-cognitiva, baseada em processos psicofisiológicos de recepção, transmissão, análise de informações, elaboração de uma resposta até a execução da ação motora, concretizada com o emprego de uma técnica específica, na qual se reflete a ação do jogador. Nesse instante, fatores cognitivos e físicos influenciam a detecção e utilização das informações do jogo necessárias para uma orientação adequada das ações em direção a um determinado objetivo (SOUZA; GRECO; PAULA, 2000; JÚLIO; ARAÚJO, 2005).

No Futebol, as capacidades táticas e os processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão são considerados requisitos essenciais para a excelência do desempenho esportivo. Durante uma partida surgem inúmeras situações cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas, exigindo uma elevada capacidade de adaptação e de resposta imediata por parte dos jogadores e das equipes (TAVARES, 1993; 1994; GARGANTA, 1997; 1998; WILLIAMS; REILLY, 2000; GARGANTA, 2001; GRECO, 2003; MCPHERSON; KERNODLE, 2003; TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006). Coletivamente poderão ser eficazes se a organização da equipe permitir o controle do jogo, manutenção da posse de bola, variações na circulação da bola, alterações de ritmo, do tipo de passe e de táticas que propiciem romper o equilíbrio da equipe adversária para se chegar mais facilmente ao gol (RIOS; MESQUITA, 2004; JÚLIO; ARAÚJO, 2005).

Assim, o comportamento dinâmico de uma equipe de Futebol é mais do que a soma de variáveis quantitativas e qualitativas dos seus integrantes, é um processo de coordenação intra e inter pessoal altamente relevante para a compreensão da eficácia e da dinâmica da equipe no jogo. Esses comportamentos, além de serem aprendidos incidentalmente (à revelia, sem saber que se está aprendendo, nos jogos/brincadeiras de rua), também são aprendidos, de forma organizada e eficaz, nos processos de ensino-aprendizagem reflexivos, onde as regras de estruturação do jogo estão relacionadas com a lógica da atividade,

nomeadamente com a dimensão da área de jogo, com a repartição dos jogadores no terreno, com a distribuição de papéis e alguns preceitos simples de organização que podem permitir a elaboração de estratégias (RAMOS, 2000). Para um determinado confronto, a preparação do grupo se baseia em orientações específicas que definem a maneira de jogar de acordo com as normas de conduta do adversário, as condições de jogo e as estratégias definidas pela equipe, considerando sempre o conhecimento tático dos jogadores (JÚLIO; ARAÚJO, 2005).

Em relação ao conhecimento tático, nas ciências do esporte distinguem-se dois tipos: o conhecimento tático declarativo (CTD) e o conhecimento tático processual (CTP). O CTD refere-se à capacidade do atleta de saber “o que fazer”, ou seja, conseguir declarar de forma verbal e/ou escrita qual a melhor decisão a ser tomada e o porquê desta decisão. O CTP refere-se a “como fazer”. É a capacidade do atleta de operacionalizar a ação sem, geralmente, ser capaz de descrevê-la verbalmente, ou seja, está intimamente ligada a ação motora em si (FRENCH; THOMAS, 1987; ALLARD, 1993; THOMAS; THOMAS, 1994; GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995; TURNER; MARTINEK, 1995; GARGANTA, 1997; MESQUITA, 1998; GRECO, 1999; TENEMBAUM; LIDOR, 2005).

É relevante salientar que os dois tipos de conhecimento se interagem, porque a forma como o jogador vai executar uma ação no jogo está relacionada com a forma como ele compreende o mesmo (GARGANTA, 1997; MESQUITA, 1998; MESQUITA; GRAÇA, 2002; GIACOMINI, 2007). Além disso, outros pesquisadores afirmam que para se atingir um elevado nível tático, o jogador deve passar durante anos por uma experiência diversificada de forma a aliar as suas capacidades de avaliação ótico-motoras à capacidade de esforço e desenvolvimento técnico específico com as ações táticas (MAHLO, 1980; GRECO *et al.*, 1998; OLIVEIRA; PAES, 2004).

A TÉCNICA COMO ASPECTO ESSENCIAL PARA CONCRETIZAR O JOGO DE FUTEBOL

As habilidades técnicas têm sido referidas na literatura como sendo um recurso muito importante no contexto do desempenho esportivo, pois é através delas que a inteligência e a intencionalidade tática vão se exteriorizar e materializar. Elas adquirem grande importância nos escalões de rendimento mais elevado, pois, o jogador tecnicamente evoluído fica livre para analisar as situações de jogo e, conseqüentemente, decidir melhor, prevalecendo na relação com a bola o controle sinestésico em detrimento do visual (MESQUITA, 2008; NUNES; BRANDÃO; JANEIRA, 2004).

No Futebol, os recursos técnicos são imprescindíveis para um ótimo rendimento, dos praticantes. Para a concretização da ação é exigida uma elevada capacidade de leitura de situações e tomada de decisão instantânea, mais, é necessário que da leitura da situação seja “escrita” a solução. Por isso, quanto mais recursos motores específicos o jogador possui ou desenvolve, mais probabilidade de obter o sucesso no momento de materializar a ação, de “escrever” a solução.

Devido à importância da técnica para o rendimento esportivo, alguns pesquisadores têm citado dois aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento desde as categorias de base: primeiro, por ser um fator decisivo que permite aos melhores executantes desempenhos superiores em situações de jogo; segundo, porque os jogadores com repertório mais amplo, com mais variabilidade técnica poderão alcançar no futuro níveis excelentes de rendimento esportivo. Não obstante é importante destacar que o ensino não pode se transformar em uma aprendizagem mecânica de gestos técnicos, o ensino nas diferentes formas da iniciação nas suas bases não se restringe aos componentes biomecânicos da execução, mas, sobretudo, à escolha e ajuste do gesto à situação que se apresenta, uma vez que o contexto será relevante para o aprendizado (SILVA; FIGUEIREDO; BRAL *et al.*, 2002; NUNES; BRANDÃO; JANEIRA, 2004; OLIVEIRA, 2004).

O que se pretende a partir dessa ideia é que a aprendizagem das habilidades técnicas seja parte integrante de contextos com tomada de decisão, onde o que importa está contido na situação de jogo. Somente assim os praticantes serão capazes de

resolver os problemas que o contexto específico lhes coloca. Desde os primeiros momentos da aprendizagem, importa que os praticantes assimilem um conjunto de princípios táticos, técnicos, que vão do modo como cada um se relaciona com a bola, até a forma de comunicar com os colegas e “contra-comunicar” com os adversários, passando pela noção de ocupação racional do espaço de jogo (TEODORESCU, 1984; GARGANTA, 1997; GARGANTA; PINTO, 1998).

Deste modo, aspira-se que o desenvolvimento das habilidades técnicas seja feito de forma qualitativa, no qual a técnica seja caracterizada pela intenção tática que lhe solicita uma fusão da fase final do gesto precedente com a fase preparatória do gesto que lhe sucede, a constituir-se em uma fase intermediária de antecipação do gesto seguinte, não só sobre o aspecto técnico-motor, mas também sobre o aspecto mental e tático (GARGANTA, 1997).

No jogo de Futebol esse tipo de desenvolvimento é muito pertinente, uma vez que as posições veiculadas remetem para a importância de se ensinar e treinar as técnicas do Futebol a partir do jogo, em uma lógica oposta à de ensinar e treinar o jogo a partir das técnicas, a apontar para a necessidade de desenvolver a técnica situacional ou a técnica aplicada (treino integrado), em detrimento das técnicas isoladas (método analítico), cuja aprendizagem e exercitação ocorrem à margem dos requisitos do jogo (GARGANTA, 1997).

Esses métodos não são tão explorados e divulgados, porque como evidencia Garganta (1997), parece haver por grande parte dos autores relacionados com a produção de conhecimento no Futebol uma concepção restritiva da técnica, porquanto a circunscrevem ao conjunto de movimentos efetuados com a bola (passe, drible, recepção, finalização, etc.), ignorando as atribuições táticas que se impõem nas ações técnicas que competem aos demais jogadores de defesa e de ataque, que não são exclusivas do portador da bola.

Para esse autor todas as ações que são relativas ao jogo, que impliquem ou não a presença direta ou próxima da bola, apelam para requisitos técnicos. Por assim ser, uma corrida rápida, uma finta, uma desmarcação, uma marcação a um adversário direto, são técnicas utilizadas que dá sentido a todo o contexto do jogo de Futebol, o que faz com que este conceito possua uma abrangência maior do que aquela que usualmente lhe é atribuída.

Assim, o progressivo refinamento técnico que prioriza a transferência da atenção visual da bola para os demais elementos do jogo supera o mito da dificuldade de execução das ações técnicas no Futebol, que muita das vezes se resulta da necessidade que os jogadores têm em identificar e prestar atenção, em simultâneo, às informações visuais proprioceptivas e cognitivas. Importa deste modo que a execução de um gesto técnico em Futebol privilegie a interação com o contexto do jogo, de forma a se buscar a estreita relação entre os aspectos técnicos e táticos do Futebol (LÁZARO; OLIVEIRA, 2002).

A EVOLUÇÃO DA DINÂMICA DO JOGO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E TREINAMENTO NO FUTEBOL DE ALTO NÍVEL

As décadas dos anos cinquenta e sessenta que ficaram marcadas pela maior abrangência de funções e ações dos jogadores no campo de jogo, produziram formas diferentes de se enxergar e jogar o Futebol e, conseqüentemente, de se treinar. O conceito de dinâmica de jogo, manifestado nesta época, permitiu novas ideias, novos entendimentos e conhecimentos das funções e ações dos jogadores na partida, sendo então, decisivo para a promoção de numerosas modificações nos processos de treinamento (OLIVEIRA, 2004). Contudo, no Brasil, as tentativas de desenvolver as valências inerentes ao rendimento esportivo não produziram uma grande evolução no jogo porque se esbarravam nas limitações formativas dos responsáveis pelos treinos que, conforme afirma Tani (2002), estava sob a orientação de antigos atletas cuja formação se relacionava com as suas experiências e respectivos conhecimentos empíricos.

A partir da década de setenta observou-se no âmbito do Futebol uma forte implementação de correntes de pensamentos cujos objetivos eram a disjunção, a redução e a abstração da realidade e dos fenômenos inerentes ao jogo. As ideias que estavam relacionadas a essas correntes buscavam a divisão e redução dos fenômenos em partes, para mais facilmente os conhecer e atuar sobre eles. Assim, o processo de treino nesse período era dividido em técnico e em tático e cada um deles também era subdividido, criando-se fases e etapas evolutivas das diferentes habilidades técnicas e comportamentos táticos, mas a interação das relações que dão sentido ao jogo não era manifestada (OLIVEIRA, 2004; ALVES, 2007).

Essa década também ficou marcada pelas metodologias de treino que evidenciavam uma preparação específica dos aspectos físicos e que foi bem aceita pelas equipes, tanto que se observou uma distinção dos membros da comissão técnica, onde o treinador preparava a equipe em seus aspectos táticos e técnicos e o preparador físico cuidava da parte física (MATVÉIEV, 1986; TANI, 2002).

Esta metodologia de treino, baseada em conhecimentos das áreas da biologia, da fisiologia e da biomecânica, que concedia grau elevado de importância à preparação física foi tão divulgada que as equipes adotaram essa forma de preparar os atletas. Assim, observou-se que a forma de jogar o Futebol sob um prisma essencialmente tático-físico refletiu em um decréscimo de desempenho técnico dos jogadores, enquanto que outras equipes que permaneceram sem fazer grandes alterações nos seus treinamentos continuaram a jogar um Futebol que priorizava mais os aspectos técnicos em detrimento dos físicos.

O interesse da comunidade por essa nova forma de treino era tão grande que contribuiu para que outras correntes do treinamento físico surgissem com o passar dos anos. Entre os fins dos anos setenta e no início dos anos oitenta, outra metodologia caracterizada pela concentração do treino de força com o objetivo de proporcionar melhoria das capacidades especiais, da velocidade e do rendimento técnico, surge e também tem muita aceitação da comunidade esportiva em geral, chegando a ser adotada em muitas equipes européias de Futebol no final dos anos oitenta. Esta concepção propunha que o processo de treino fosse estruturado inicialmente a partir do desenvolvimento de um bloco de força e que o treino das outras capacidades condicionais e “técnico-táticas” se realizasse de acordo com as necessidades da modalidade. Porém, o precursor dessa proposta salienta que os rendimentos elevados não se limitam apenas às capacidades físicas, mas também às técnicas e às táticas. Dessa forma, preconiza a construção de blocos relacionados com essas componentes, embora sempre apoiadas pelo treino da força (VERCHOSHANSKIJ, 1990; 2001; 2006).

Na década de noventa as propostas de utilização de meso ciclos e micro ciclos de choque e de distribuição uniforme das cargas durante toda a época esportiva também chamaram a atenção dos diversos profissionais envolvidos com o rendimento esportivo (TSCHIENE, 2001). A primeira propunha, essencialmente, variações significativas no volume, na intensidade e na complexidade das cargas; e a segunda propunha manutenção dos níveis de volume, de intensidade e de complexidade das cargas dentro de um intervalo de variabilidade reduzido. Outros fatores importantes que até então não se destacavam diz respeito ao fato de se considerar a competição como o ponto de partida na preparação dos atletas e de se compreender o processo de preparação do atleta como um processo adaptativo e que, como tal, destaca os problemas da fadiga e da recuperação após os treinos de sobrecargas (SILVA, 1998; TSCHIENE, 2001; OLIVEIRA, 2004).

Contextualizar esse processo evolutivo do treinamento esportivo no alto rendimento para adultos faz sentido, uma vez que, o processo de ensino-aprendizagem e treinamento presente nas escolinhas de esportes e na maioria dos clubes de futebol profissional que possuem categoria de base, lamentavelmente, hoje reproduz as habilidades específicas da modalidade à maneira dos adultos, desconsiderando o estágio de desenvolvimento, as particularidades, as experiências e a capacidade dos jovens (LIMA, 1999; PEREIRA, 1999; FERREIRA, 2000; LIMA, 2000; BARBANTI; TRICOLI, 2004; OLIVEIRA; PAES, 2004; BARBANTI, 2005; BRITO, 2005; PACHECO, 2005; RELVAS, 2005; CARDOSO, 2007; LIMA JR.; MARCHIORI; CAMPESI, 2008). Para Barbanti e Tricoli (2004) essa prática no Brasil é tão comum que para eles não há dúvida de que a iniciação esportiva, em todas

as modalidades, se faz através do aprendizado das habilidades motoras específicas do esporte praticado. Segundo eles, “desde o primeiro dia em que uma criança entra para uma ‘escolinha de futebol’ ela aprende o passe, o chute, o drible, o cabeceio e controle da bola...” e desde os primeiros jogos a disputa ocorre sobre a base das habilidades motoras específicas do futebol (BARBANTI; TROCOLI, 2004, p.209).

Por isso, apesar das tarefas de incidência técnica ou tática exigirem sempre na sua base componentes das capacidades motoras tais como resistência, força, velocidade e/ou flexibilidade e do reconhecido avanço que as metodologias de treino mencionadas nos parágrafos anteriores propiciaram à preparação dos atletas para as competições, percebe-se ainda hoje uma falta de sincronismo entre a lógica do ensino utilizado hoje com a lógica funcional do jogo e a lógica pedagógica sugerida na literatura, uma vez que, se constata baixa preocupação com os aspectos relacionados ao contexto do jogo, à tomada de decisão, à aprendizagem dos gestos técnicos de forma situacional, ao desenvolvimento do raciocínio tático e à iniciativa individual.

Os métodos de treino descritos parecem, de forma geral, conduzir os futebolistas para a dependência e a impossibilidade de gestão da ação individual e coletiva, já que as situações de ensino e treino não confrontam o jogador com o novo, o inesperado e nem exigem deles a capacidade criativa. Assim, ao se estruturar o treino nesses moldes, limita-se a aprendizagem dos jogadores em situações de jogo que requerem as ações de cooperação/oposição e que serão imprescindíveis no entendimento da filosofia do mesmo (FARIA; TAVARES, 1993; GRAÇA, 1998; MESQUITA, 1996; RAMOS, 2000; LÁZARO; OLIVEIRA, 2002).

Os debates a respeito do processo de ensino-aprendizagem e treinamento para a formação despontaram a partir do final da década de 70 e começo da década de 80, porém só nos últimos quinze anos ganharam mais notoriedade. Nessa época, congressos e seminários que tratavam esse tema como ponto central das discussões, buscavam superar as tendências dominantes de corte analítico, mecanicista e técnico (MARQUES; OLIVEIRA, 2001; BARBANTI; TRICOLI, 2004).

Apoiada nessa tendência, nas teorias da psicologia cognitiva e nos modelos de execução, Bunker e Thorpe (1983) propuseram uma nova metodologia denominada “*Teaching Games for Understanding*” (TGFU). Essa metodologia, inicialmente pesquisada na década de oitenta (THORPE; BUNKER, 1982; BUNKER; THORPE, 1983; THORPE, 1983), ganhou mais notoriedade científica em meados da década de noventa (OSLIN, 1996; WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; GRIFFIN; MITCHELL; OSLIN, 1997) com uma proposta que suporta o ensino dos jogos esportivos coletivos em função da sua compreensão e concepção, ou seja, o ensino constituído por jogos táticos de complexidade adaptada ao nível qualitativo dos alunos/jogadores, para que dessa forma eles possam assimilar e aprender o jogo de uma forma dinâmica.

Esta metodologia propicia ao jogador vivenciar situações práticas, nas quais a lógica do movimento é entendida de uma forma progressiva, para que quando lhe seja apresentado o problema, na sua globalidade, tenha possibilidades de superá-lo com êxito. Isto é feito através de jogos adaptados em função das regras, do espaço, da bola, das balizas e do número de jogadores, de forma a criar um ambiente propício à melhoria da compreensão do jogo, da aquisição de conhecimentos específicos e das habilidades técnicas requisitadas (COSTA, 2001; OLIVEIRA, 2004).

A opção por uma maior utilização de exercícios específicos parece ser uma tendência atual do treino de Futebol; tanto que, vários pesquisadores reconhecem que as condições de treino devem aproximar-se ao máximo das condições reais do jogo, quer na alta competição, quer nas fases de aprendizagem e formação do praticante, a proporcionar-lhe, desde o início da sua atividade, uma tomada de decisão ativa, formulação de juízos, compreensão do contexto em que o jogo decorre e estímulo da imaginação (TAVARES, 1994; GARGANTA; PINTO, 1998; GRAÇA, 1998; GRECO, 1998; PEREIRA, 1999; COSTA, 2001; GRECO, 2003; NOGUEIRA, 2005).

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E TREINAMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS

Na literatura científica os documentos de registro dos processos metodológicos relacionados ao treinamento de crianças e adolescentes são de difícil acesso o que limita as discussões sobre o tema. O conhecimento e a evolução das pesquisas sobre os processos de formação desportiva de talentos e jogadores de destaque têm sido muito pouco sistematizados (LIMA, 1999; PEREIRA, 1999; MARQUES; OLIVEIRA; PRISTA, 2000). De acordo com Marques e Oliveira (2001), os modelos explicativos existentes, desenvolvidos desde a década de sessenta, apóiam-se muito nas experiências, no conhecimento empírico, em orientações pedagógicas e normativas e menos, do que seria desejável, na explicação científica.

Atualmente, as discussões sobre essa temática se concentram sobre a organização e dinâmica da carga de treinamento, a estrutura temporal, meios, métodos e conteúdos para o longo processo de formação dos mesmos (MARQUES; OLIVEIRA; PRISTA, 2000; MARQUES, 2002; PUGNAIRE; NIETO, 2002; SILVA; FIGUEIREDO; GONÇALVES *et al.*, 2002; BARBANTI; TRICOLI, 2004; BARBANTI, 2005). Em particular, a exigência é maior na questão relativa à estrutura temporal, aos meios e aos métodos que devem ser utilizados no treinamento a considerar o momento mais favorável para fazê-lo, as características de crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens.

Ao abordar o ensino e aprendizagem para crianças e jovens alguns pesquisadores advertem sobre as diferenças que existem entre eles e os adultos em todos os aspectos que permeiam o desenvolvimento esportivo. Greco e Benda (1998) e Cardoso (2007) salientam que as crianças e os jovens não devem ser tratados como um adulto em miniatura durante o processo de ensino e aprendizagem. O esporte para as crianças não deve se basear em meras adaptações das práticas, princípios e cargas realizadas pelos adultos; mas sim, deve ser organizado em função dos praticantes, tratando os objetivos, os conteúdos, os métodos, o desenvolvimento e os níveis de dificuldade de acordo com as idades e os níveis de maturação hormonal.

Outros pesquisadores, que comungam essa mesma forma de conceber o treino de formação, complementam a ideia ao afirmar que o treino para crianças e jovens é um processo de exercitação sistemático em longo prazo, que oferece formas motrizes multifuncionais e específicas da modalidade, a constituir-se numa etapa de desenvolvimento para os objetivos finais que normalmente se situam nas idades adultas (HAHN, 1988; BRIGHTON, 1998; ADELINO; VIEIRA; COELHO, 2000; MARQUES, 2002; ESTEVES, 2003; BRITO, 2005).

De acordo com alguns pesquisadores os problemas nesse processo surgem quando o treino e a participação competitiva de crianças e jovens tendem a reproduzir e a adaptar os conhecimentos e as formas de organização do esporte de alto rendimento, quando a valorização e o reconhecimento social dos mais jovens se preceituam através dos resultados competitivos e quando a vitória nas competições continua a ser o objetivo principal para muitos treinadores, dirigentes e pais (ALVES; RODRIGUES, 2000; SILVA; FIGUEIREDO; GONÇALVES *et al.*, 2002; BRITO, 2005; NOGUEIRA, 2005; RELVAS, 2005). Nesses casos, há uma reversão da lógica da formação, porque a procura do rendimento imediato impõe estratégias de treino que produzem resultados em curto prazo, comprometem os resultados futuros e frustram as expectativas de crianças e jovens.

De acordo com Damásio e Serpa (2000) a preparação esportiva de crianças e jovens, desajustada às características do processo de crescimento e maturação, tem sido apontada como uma razão determinante para maior abandono e menor adesão de praticantes entre os 14 e os 18 anos nos desportos. Por esse motivo, é importante que as crianças e os jovens que se encontram em fase de crescimento marcada por numerosas alterações no desenvolvimento físico, psíquico e social, obtenham durante a sua formação desportiva o máximo de experiências motoras que lhes garantam um repertório motor rico, um bom desenvolvimento das suas capacidades físicas e psicossociais para que possam no futuro, caso queiram, ter êxito no desporto de rendimento (FERREIRA, 2000; MARQUES; OLIVEIRA; PRISTA, 2000; BARBANTI, 2005).

Para que isto seja assegurado, três elementos estruturais do processo de ensino e aprendizagem, descritos por Hahn (1988), parecem pertinentes: 1) especificidade de acordo com cada etapa de formação; 2) desenvolvimento de conteúdos nas aulas ou treinos de acordo com os processos volitivos e de maturação; 3) periodização do processo de ensino e aprendizagem orientados muito mais pelas necessidades específicas dos atletas jovens e muito menos pelos modelos de periodização do universo da teoria do treinamento.

A aplicação desses três elementos permite a revalorização do sentido pedagógico da formação esportiva, do qual as crianças e os jovens se beneficiarão de um processo educativo mais adequado, onde os treinos/aulas serão desenvolvidos de acordo com o seu histórico social e a sua maturidade biológica, uma vez que, cada criança ou jovem possui a sua própria maturação com diferenças sexuais e intra e interindividuais (HAHN, 1988; GRECO; BENDA, 1998; MARQUES, 1999; SOBRAL, 1999; MARQUES; OLIVEIRA; PRISTA, 2000; MARQUES, 2002; CARDOSO, 2007; LIMA JR.; MARCHIORI; CAMPESI, 2008).

Na literatura parece haver certo consenso entre os pesquisadores quanto à preparação esportiva, nos anos iniciais, se concentrar na formação multilateral embasada nas características do desporto e que, à medida que ocorra aumento da idade e da experiência do praticante, ela passe a ser mais específica (GRECO, 1998; GRECO; BENDA, 1998; MARQUES, 1999; FERREIRA, 2000; MARQUES; OLIVEIRA; PRISTA, 2000; VIOLANTE, 2000; MARQUES; OLIVEIRA, 2001; MARQUES, 2002; SILVA; FIGUEIREDO; GONÇALVES *et al.*, 2002; OLIVEIRA; PAES, 2004; BARBANTI, 2005; DOMINGUES, 2006). Alguns estudos indicam que o início da especialização esportiva depende das características do desporto escolhido, dos fatores que influenciam o desenvolvimento de crianças e jovens e, sobretudo, da cultura desportiva dominante (MARQUES, 1999; MARQUES; OLIVEIRA, 2001; MARQUES, 2002). No Futebol preconiza-se que essa especialização seja obtida em um momento mais tardio, por ser uma prática esportiva que consente uma variedade de gestos e solicitações bem mais rica que a dos desportos baseados em estruturas gestuais, motoras, cíclicas, estreitas e fechadas. Porém, no futebol brasileiro o processo sistematizado de treinamento e seleção de potenciais atletas para as categorias de base das equipes profissionais de futebol se inicia na sua grande maioria na categoria sub-13 (mirim), entretanto nas escolinhas de esporte este processo começa por volta da categoria sub-9 (chamada de iniciantes) o que acarreta uma iniciação muito precoce dos jovens à modalidade esportiva.

Consolidando esse referencial teórico, alguns pesquisadores têm apresentado estágios ou etapas para a formação desportiva de crianças e jovens abordando aspectos temporais, metodológicos e de conteúdo. (MUSCH; MERTENS, 1991; GRECO; BENDA, 1998; FERREIRA, 2000; LIMA, 2000; OLIVEIRA; PAES, 2004; BARBANTI, 2005; DOMINGUES, 2006; DUARTE, 2006; GRAÇA *et al.*, 2006).

Gallahue e Ozmun (2005) propõem uma abordagem desenvolvimentista que, ao ensinar as habilidades motoras (técnicas) para a faixa etária de 7-10 anos, a aprendizagem deve ser totalmente aberta, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, sem interferência e correções dos gestos motores. Para a faixa etária de 11-12 anos, o ensino é parcialmente aberto, isto é, há breves correções na técnica dos movimentos. Na faixa de 13-14 anos, o ensino é parcialmente fechado, pois se inicia o processo de especificidade dos gestos de cada modalidade na procura da especialização esportiva, e somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado, específico de cada modalidade coletiva, e também o aperfeiçoamento dos sistemas táticos que cada modalidade necessita.

Greco e Benda (1998) sugerem um modelo de desenvolvimento do nível de rendimento esportivo composto por nove fases: pré-escolar, universal, orientação, direção, especialização, aproximação/integração, alto nível, recuperação/readaptação e recreação/saúde. Cada uma dessas fases se caracteriza por acompanhar as faixas etárias de desenvolvimento, condicionando através desses princípios a duração e frequência de treinamento.

A fase pré-escolar se caracteriza por abranger crianças com idade entre 1 e 6 anos, ter uma perspectiva de duração de 4-5 anos, sendo a frequência de treinamento 2-3 vezes por semana na qual se concretizam os objetivos de aprendizado dos movimentos fundamentais.

A fase universal é mencionada pelos autores como a mais ampla e rica dentro do processo de formação esportiva. Ela está compreendida dos 6 aos 12 anos, possui duração de 6 anos e frequência de treinamento 2-3 vezes por semana. Nessa fase procura-se desenvolver todas as capacidades condicionais e coordenativas de uma forma geral, a partir de jogos e brincadeiras, resgatando as formas de jogo da cultura popular, criando assim uma base ampla e variada de movimentações que ressaltam o aspecto lúdico.

Na fase da orientação (11-12 até 13-14 anos), os autores recomendam que as atividades curriculares e extracurriculares sejam em média de três encontros semanais e que a duração esteja compreendida no intervalo de 60-90 minutos cada. Essa fase, que tem duração de 2-4 anos, é a mais indicada para a iniciação e desenvolvimento dos gestos técnicos dos esportes, já que a capacidade de atenção do praticante para a percepção de outros estímulos está bem apurada, o que permite ao mesmo a automatização de grande parte dos movimentos.

A fase de direção (13-14 até os 15-16 anos) é marcada pelo início do aperfeiçoamento e da especialização técnica em uma modalidade. Essa fase se concentra no “auge” da adolescência, por isso, os autores recomendam que as atividades, previstas para acontecerem três vezes por semana, não entrem em conflito com os outros interesses dos jovens, porque isso pode levar ao abandono da prática esportiva.

A fase de especialização (15-16 aos 17-18 anos) se caracteriza pelo aumento dos encontros semanais (3-4) e maior tempo de duração (90-120 minutos cada). É nesse período que ocorre o ápice do processo de desenvolvimento e o desejo individual em participar de uma atividade que possui um número limitado de movimentos. Os autores preconizam que nessa fase seja objetivado o aperfeiçoamento e a otimização do potencial técnico e tático, que sirvam de base para o emprego de comportamentos táticos de alto nível, e a estabilização das capacidades psíquicas.

A fase de aproximação/integração (18 e 21 anos) pode ser considerada como o momento mais importante na transição do jovem para uma possível carreira esportiva no alto nível de rendimento e no esporte profissional. Nesta fase, juntamente com o trabalho de aperfeiçoamento e otimização das capacidades técnicas, táticas e físicas, os autores recomendam, conceder um grande espaço de tempo à otimização das capacidades psíquicas e sociais.

A fase de alto nível se caracteriza pela estabilização, aperfeiçoamento e domínio dos comportamentos técnico-táticos e das capacidades físicas e psicológicas atingidas nas fases anteriores. Essa fase que geralmente se inicia aos 21 anos, não tem um tempo previsto de duração, porque vai depender de muitas variáveis que vão interferir no rendimento esportivo.

A penúltima fase, denominada fase de recuperação/readaptação, começa no final da fase de alto nível, ou seja, quando o atleta se aposentar; e terá por objetivo readaptar o ex-atleta à sociedade, bem como aplicar programas adequados que contribuam para o “destreinamento” de maneira gradativa que o conduz ao esporte como forma de benefício à saúde.

A última fase citada pelos autores é a de recreação/saúde, na qual os objetivos se opõem a fase de rendimento. Essa fase tem uma característica muito peculiar, porque ela pode se situar após a fase de recuperação/readaptação para as pessoas que seguiram carreira esportiva, ou após a fase de direção para aquelas pessoas que não tiveram o interesse de se especializar em nenhum esporte. Por conseguinte, essa fase poderá se iniciar em qualquer idade após os 15-16 anos e comportar os diversos programas de atividades físicas que contemplam os diferentes interesses do público; por exemplo, perder peso, melhorar estética, manter ou melhorar saúde, conquistar amigos, etc.

Ferreira (2000) foi outro pesquisador que também propôs um modelo de desenvolvimento da carreira esportiva do jovem. Nesse modelo há menos etapas, porém as idades de entrada e permanência em cada uma delas estão diretamente associadas

ao percurso efetuado anteriormente. Destarte, o autor preconiza quatro etapas: animação, iniciação, orientação e especialização esportiva.

A etapa de animação é caracterizada por um contato inicial com a prática da modalidade e uma vivência primária das relações sócio-motoras por ela proporcionadas. A iniciação é a etapa que contribui para o enriquecimento do repertório motor dos jovens e para uma abordagem inicial aos fundamentos básicos da modalidade. A etapa de orientação destina-se para a construção dos diversos pré-requisitos fisiológicos necessários e ao conseqüente aperfeiçoamento dos conteúdos técnico-táticos específicos. A etapa de especialização está dirigida para o desenvolvimento das competências técnico-táticas em concordância com os aspectos físicos e psicológicos necessários para se praticar a modalidade em alto nível. Nessa etapa há também o compromisso com os primeiros resultados esportivos em busca do rendimento de alto nível.

Além dessa estrutura temporal e de conteúdos para o desenvolvimento do rendimento esportivo, outro ponto importante do processo de ensino e aprendizagem é a forma didático-metodológica de se conceber o aprendizado das habilidades inerentes ao esporte, nesse caso do Futebol. Sobre esse assunto, Garganta (1995) propõe uma abordagem dividida em três formas: 1) centrada nas técnicas, 2) centrada no jogo formal e a 3) centrada nos jogos condicionados.

A forma centrada nas técnicas desmonta o jogo em habilidades técnicas que são ensinadas analiticamente, hierarquicamente e descontextualizadas, relativamente ao jogo; promove um jogo pouco evoluído, em que os jogadores apresentam déficits de conhecimentos específicos e, conseqüentemente, de compreensão do jogo.

A forma centrada no jogo formal utiliza o jogo como aspecto central do processo de ensino. O jogo não é desmontado nem técnica nem taticamente. A abordagem é feita de uma forma global em que a tática surge como resposta aos problemas que o jogo levanta e a técnica surge como concretização dessas respostas. Apesar desta metodologia de ensino do jogo promover o desenvolvimento das capacidades e conhecimentos específicos dos jogadores ela não é satisfatória, uma vez que não consegue proporcionar uma densidade de comportamentos desejados, tanto técnicos como táticos, que possibilitem maximizar o desenvolvimento das capacidades e dos conhecimentos específicos individuais, setoriais, inter-setoriais, grupais e coletivos dos jogadores e da equipe.

A forma centrada nos jogos condicionados caracteriza-se pela decomposição do jogo em unidades funcionais, que propiciam o aprendizado e a vivência das mesmas interações presentes nos jogos oficiais entre as dimensões tática, técnica, psicológica e fisiológica, porém em escalas inferiores de complexidade. A partir disto, o ensino é concebido através da apresentação e interação dessas unidades funcionais, onde o jogo apresenta problemas que são direcionados através das situações criadas que proporcionam comportamentos desejados através da intenção e compreensão do jogo promovida pelo professor/treinador. Esta abordagem metodológica evidencia o desenvolvimento das capacidades, dos conhecimentos específicos dos jogadores, do jogo contextualizado e direcionado para os comportamentos desejados.

Outra proposta, apresentada por Musch e Mertens (1991) e retomada por Graça *et al.* (2006) referencia uma ideia do jogo no qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para jogos reduzidos e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito. Eles preconizam que essa forma de ensino preserva a autenticidade e a autonomia dos praticantes, respeitando o jogo formal, no qual as estruturas específicas de cada modalidade são mantidas, como: a finalização, a criação de oportunidades para o drible, o passe, os lançamentos nas ações ofensivas, etc. Nessa proposta, o posicionamento defensivo é almejado de forma generalizada, ou seja, busca-se dificultar a organização ofensiva dos adversários, principalmente nas interceptações dos passes, de forma a estabelecer uma dinâmica entre as fases de defesa-transição-ataque.

A concepção mencionada por Duarte (2006) baseia-se na perspectiva sistêmica do treino apresentada sob três modelos de sistematização: analítico, integrado e o sistêmico. O modelo analítico presume a fragmentação dos vários fatores do

rendimento (físico, técnico, tático e psicológico) para serem treinados em separado e, posteriormente, serem integrados à situação de jogo. O modelo integrado é concebido pela presença da bola nos exercícios de forma a assegurar uma relação entre os fatores de rendimento. O modelo sistêmico, em que a bola também está presente desde o primeiro dia de trabalho, pressupõe a modelação dos jogadores à forma de jogar idealizada pelo treinador.

Greco (1998) além de citar o método analítico referido no parágrafo anterior, também faz menção a cinco outros métodos: global, de confrontação, parcial, “conceito recreativo do jogo esportivo” e o situacional. No método global o ensino é desenvolvido a partir da “série de jogos” acessíveis às faixas etárias e às capacidades técnicas dos alunos no qual se busca contemplar “a ideia central do jogo” ou as suas estruturas básicas. O método de confrontação se caracteriza pela ideia de que a principal forma de se aprender o jogo é jogar o jogo do adulto, com suas regras e formas. No método parcial, cujo entendimento do jogo perpassa alguns aspectos que devem ser desenvolvidos separadamente devido a sua complexidade, o processo de ensino e aprendizagem é concebido pela repetição de séries de exercícios dirigidos ao domínio das técnicas, consideradas como elementos básicos para a prática do jogo ou para se obter o êxito na ação. O método denominado “conceito recreativo do jogo esportivo” busca, através das vivências motoras, conhecer as relações sociais, os objetivos e as formas de se atingir esse objetivo, para posteriormente, inserir os padrões externos e as regras oficiais. O método situacional preconiza o ensino através de situações isoladas dos jogos com números reduzidos de praticantes (1x0, 1x1, 2x1, etc.), nos quais a inserção gradativa de elementos esportivos (técnicos, táticos, psicológico e físico) e de situações típicas do esporte propiciará o aprendizado e a vivência do mesmo. Esse autor também defende que a técnica esportiva deve ser praticada na iniciação sublimada aos conceitos da tática, buscando aliar “o que fazer” ao “como fazer”. Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional, mas sim de utilizá-lo como um importante recurso, evitando o ensino somente pelos exercícios analíticos, os quais, podem não garantir sucesso nas tomadas de decisão frente às situações, por exemplo, de antecipação, que ocorrem de forma imprevisível nos jogos esportivos coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Futebol figura-se como um esporte de muito interesse por parte de espectadores e praticantes de todo o mundo. No contexto científico, o interesse pelo esporte está centrado nas pesquisas que buscam esclarecer a melhor forma de ensiná-lo, treiná-lo, aprendê-lo e, conseqüentemente, praticá-lo. O fato do Futebol se desenvolver em um ambiente imprevisível, em função da posição da bola, dos adversários e da movimentação de todos os jogadores da equipe, exige dos jogadores elevada capacidade de tomada de decisão, de processamento de informação e de execução do movimento, e requer das equipes capacidade de sincronização e organização das ações para atingir o objetivo principal do jogo. Nesse contexto se acredita que os aspectos cognitivos, táticos e técnicos assumem importância fundamental na aquisição das habilidades inerentes ao Futebol, uma vez que os aspectos da percepção e de decisão estão presentes desde o primeiro contato do praticante com a modalidade.

No presente artigo, o processo de ensino-aprendizagem e treinamento foi concebido em fases que consideram as experiências, os processos volitivos e a maturação dos praticantes. Destacam-se os aspectos cognitivos em relação a sua importância nos momentos iniciais do processo de ensino-aprendizado e treinamento. Portanto, o conhecimento sobre a modalidade se desenvolve mais rapidamente do que as habilidades inerentes ao jogo. Presume-se também que durante a evolução das fases e níveis de rendimento, tanto o conhecimento quanto a habilidade dos praticantes aumenta com a aquisição de experiências propiciando o aperfeiçoamento dos comportamentos técnicos e táticos exigidos no Futebol.

capacidades motoras buscando uma participação ativa do praticante. Para isso, torna-se necessário que os princípios e os modelos de ensino e aprendizagem esclareçam não só a obtenção de metas em cada etapa da formação, como também os papéis dos professores/treinadores e dos alunos/jogadores, os recursos didáticos necessários, o envolvimento social e as formas de organização da aula/treino. Com o esclarecimento de todos esses pontos esse processo realmente assumirá a sua devida relevância na criação, no direcionamento e no desenvolvimento dos conhecimentos específicos para a prática do Futebol.

Na formação e na preparação dos jovens jogadores os cuidados devem centrar-se nos aspectos pedagógicos dos exercícios sendo devidamente orientados a fim de propiciar evolução do conhecimento e do nível de desempenho técnico e tático. Nesse instante, a figura do professor/treinador exerce importante função, uma vez que é da sua responsabilidade a programação das atividades adequadas para o desenvolvimento esportivo. Diante deste contexto, o profissional não pode tratar as atividades de iniciação esportiva como uma mera adaptação ou redução da realidade esportiva dos adultos, porque se corre o risco de fornecer uma experiência negativa que leve ao abandono da prática esportiva. Assim, este profissional deve buscar o equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio, de forma a criar as condições favoráveis para o estabelecimento do vínculo duradouro entre o praticante e o esporte.

Para que esse vínculo duradouro seja assegurado o professor/treinador deve estar atento à vontade que os alunos/jogadores demonstram em participar dos treinos e dos jogos. Pelo fato de muitos deles tratarem o esporte como uma das atividades mais importantes de suas vidas, as aulas/treinos devem oferecer experiências prazerosas que os motivem a permanecer interessados pela modalidade. Por isso, durante as aulas/treinos, em meio ao desenvolvimento dos princípios orientadores de atitudes que conduzam ao gosto pelo esforço, superação e aperfeiçoamento dos aspectos técnicos e táticos do jogo, deve-se dar ao praticante a oportunidade para brincar, jogar e desfrutar os momentos sublimes da prática.

No campo científico, os inúmeros modelos de ensino e aprendizagem e as constantes evoluções do conhecimento sobre os aspectos pedagógicos relacionados à prática esportiva, obrigam as pesquisas científicas a buscarem respostas cada vez mais adequadas às formas, métodos e meios que deem suporte à intervenção profissional. Diante de abordagens que consideram diferentes aspectos do processo de desenvolvimento do rendimento esportivo é necessário que, tanto os profissionais envolvidos na prática quanto a comunidade científica, valorizem e realizem mais as pesquisas aplicadas, que buscam dar respostas significativas em relação ao método de ensino mais eficaz dos comportamentos técnico-táticos no Futebol.

No caso específico do Brasil, conforme afirma Tani, Santos, e Meira Júnior (2006), essa tarefa científica não é muito fácil, porque as pesquisas relacionadas à investigação de assuntos e temas profissionalizantes que surgem da prática concreta da intervenção profissional pouco evoluíram ao longo do tempo, proporcionando um atraso de conhecimentos nesta área. Além disso, a Educação Física brasileira dedicou muitos anos da sua história para fortalecer e consolidar-se como área de conhecimento acadêmico. Porém, mesmo diante da defasagem científica existente, os pesquisadores têm desenvolvido pesquisas que buscam discutir e apresentar direções adequadas ao processo de ensino e aprendizagem dos aspectos inerentes à iniciação e ao rendimento esportivo, abordando temas relacionados com a estrutura temporal, métodos, conteúdos, meios de ensino em que se deve desenvolver uma adequada formação esportiva.

AGRADECIMENTO

Com o apoio do Programa AlBan, Programa de bolsas de alto nível da União Européia para América Latina, bolsa nº E07D400279BR”.

REFERÊNCIAS

- ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. *Treino de jovens: o que todos precisam saber!* 2ª. ed. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000.
- ALLARD, F. Cognition, expertise and motor performance. In: STARKES, J. L.; ALLARD, F. (Ed.). *Cognitive issues in motor expertise*. Amsterdam: Elsevier Science, 1993. p. 17-34.
- ALVES, R.; RODRIGUES, J. Os treinadores de jovens em competição. *Treino Desportivo*, v. 9, p. 02-10, 2000.
- ALVES, V. J. Periodização no Futebol - Estudo sobre as orientações conceituais e metodológicas utilizadas pelos treinadores no processo de treino. (2007). (Mestrado) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Vladimiro José, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2007.
- BARBANTI, V. J. *Formação de Esportistas*. Barueri - SP: Manole, 2005.
- BARBANTI, V. J.; TRICOLI, V. A formação esportista. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Ed.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. Cap.9. p. 199-216.
- BAUER, G.; UEBERLE, H. *Fútbol. Factores de redimiento, dirección de jugadores y del equipo*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca S.A., 1988.
- BAYER, C. *La enseñanza de los juegos deportivos colectivos*. Barcelona: Hispano-Europea, 1986.
- BRIGHTON, M. D. S. B. Desporto de base: uma preocupação necessária. In: SILVA, F. M. (Ed.). *Treinamento desportivo: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998. Cap.8. p. 119-126.
- BRITO, N. Especialização precoce: a precipitação para o (in)sucesso. *Treino Desportivo*, v. 27, p. 16-17, 2005.
- BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. *Bulletin of Physical Education*, v. 19, n. 1, p. 5-8, 1983.
- BUSCÀ, B.; RIERA, J. Orientación deportiva hacia actividades tácticas. *Revista de Psicología del Deporte*, v. 8, n. 2, p. 271-276, 1999.
- CARDOSO, M. F. S. Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens - Um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal. (2007). (doutorado) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Marcelo Cardoso, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2007.
- COSTA, J. Inteligência geral e conhecimento específico no futebol: estudo comparativo entre a inteligência geral e o conhecimento específico em jovens futebolistas federados de diferentes níveis competitivos. (2001). 145 f. Mestrado (Mestrado) - Faculdade do Desporto da Universidade do Porto, João Costa, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2001.
- DAMÁSIO, L.; SERPA, S. O treinador no desporto infanto-juvenil. *Treino Desportivo* v. 03, Edição Especial, p. 40-44, 2000.
- DOMINGUES, M. A criança e o seu desenvolvimento holístico - uma aplicação à natação. *Treino Desportivo*, v.30, p. 04-09, 2006.
- DUARTE, R. Modelação do esforço em desportos colectivos - aplicação no futsal. *Treino Desportivo*, v. 30, p. 54-62, 2006.
- ESTEVES, P. T. M. O planeamento do treino de jovens basquetebolistas - descrição e análise das "cargas" e conteúdo de treino, em duas épocas distanciadas no tempo, de um teinador de referência. (2003). 73 f. (graduação) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Pedro Esteves, Universidade do Porto, 2003.

FERREIRA, A. P. Da iniciação ao alto nível: um percurso para (re)pensar. *Treino Desportivo* v. 9, p. 28-33, 2000.

FRENCH, K.; THOMAS, J. The relation of knowledge development to children's basketball performance. *Journal of Sport Psychology*, v. 9, p. 15-32, 1987.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, 1995. Cap.1. p. 11-26. (Centro de Estudos dos Jogos Desportivos).

_____. Modelação tática do jogo de futebol – estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. (1997). 312 f. Doutorado (Doutoramento) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Júlio Garganta, Porto, 1997.

_____. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, 1998. Cap.1. p. 11-26. (Centro de Estudos dos Jogos Desportivos).

_____. A análise do jogo em Futebol. Percurso evolutivo e tendências. In: TAVARES, F. (Ed.). *Estudos 2 - Estudo dos jogos desportivos. Concepções, metodologias e instrumentos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Multitema, 1999. Cap.2. p. 14-40.

_____. Futebol e ciência. Ciência e Futebol. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, año 7, n. 40, 2001. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 08-01-08.

_____. Ideias e competências para “pilotar” o jogo de futebol. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 313-326.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, 1998. Cap.6. p. 95-136. (Centro de estudos dos jogos desportivos).

GIACOMINI, D. S. Conhecimento tático declarativo e processual no futebol: estudo comparativo entre jogadores de diferentes categorias e posições. (2007). 161 f. Mestrado (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Diogo Giacomini, Belo Horizonte, 2007.

GRAÇA, A. Os como e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, 1998. Cap.2. p. 27-34.

GRAÇA, A. S.; PINTO, D.; MERTENS, B.; MULTAEL, M.; MUSCH, E.; TIMMERS, E.; MEERTENS, T.; TABORSKY, F.; REMY, C.; VONDERLYNCK, V.; DE CLERCQ, D. Modelo de competência nos jogos de invasão: uma ferramenta didáctica para o ensino do basquetebol. In: TAVARES, F. (Ed.). *Estudos 6 - Actas do II Seminário Estudos Universitários em Basquetebol*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Tipografia Guerra, 2006. Cap.1. p. 7-28.

GRECO, P. J. *Iniciação Esportiva Universal - Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. Cognição e Ação. In: SAMULSKI, D. M. (Ed.). *Novos Conceitos em Treinamento Esportivo*. Belo Horizonte: CENESP/UFMG, 1999. p. 119-153.

temas atuais VIII em Educação Física e Esportes. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003. p. 73-87.

GRECO, P. J.; BASTOS, A.; NOVELI, E.; FILHO, E.; NOCE, F.; PAULA, P.; SOUZA, P.; COSTA, V. T. Análise dos nível de conhecimento táctico em futsal, handebol e voleibol dos III Jogos da Juventude. *Publicações Indesp*. Brasília: Athenas, 1998. p. 82-102.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. *Iniciação Esportiva Universal - Da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRÉHAIGNE, J. F.; GODBOUT, P. Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. *Quest*, v. 47, p. França, 490-505, 1995.

GRIFFIN, L. L.; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. *Teaching sport concepts and skill: a tactical games approach*. 1. ed. Champaign: Human Kinetics, 1997.

HAHN, E. *Entrenamiento com niños - teoría, práctica, problemas específicos*. Barcelona: Desportes Técnicas, 1988.

JÚLIO, L.; ARAÚJO, D. Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In: ARAÚJO, D. (Ed.). *O contexto da decisão - a acção táctica do desporto*. Lisboa: Visão e Contextos Lda, 2005. Cap.10. p. 159-178.

KONZAG, I. A formação técnico-táctica nos jogos desportivos. *Treino Desportivo* v.19, p. 27-37, 1991.

LÁZARO, J. P.; OLIVEIRA, M. Caracterização dos comportamentos pré-competitivos dos jogadores de futebol da 1ª Liga Portuguesa. *Treino Desportivo*, v.18, p. 28-32, 2002.

LIMA JR., O. V.; MARCHIORI, C.; CAMPESI, K. R. Escola de futebol: um estudo de caso sobre a inserção de um atleta numa categoria superior. *Revista Digital*, v. año 12, n. 116, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd116/insercao-de-um-atleta-numa-categoria-superior.htm>>. Acesso em: 08-01-08.

LIMA, T. Uma perspectiva social da formação desportiva dos jovens. In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Ed.). *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva - Secretaria de Estado do Desporto, 1999. Cap.7. p. 71-78.

_____. Ser treinador de jovens! *Treino Desportivo*, n. especial 3, p. 45-47, 2000.

MAHLO, F. *O acto táctico no jogo*. Lisboa: Compendium, 1980.

MARQUES, A. Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino... entre os centros de treino e a escola! In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Ed.). *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva - Secretaria de Estado do Desporto, 1999. Cap.2. p. 17-30.

_____. Conceito geral de treino de jovens - aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador. *Treino Desportivo* v.20. Edição Especial - Treino de Jovens, p. 4-11, 2002.

MARQUES, A.; OLIVEIRA, J.; PRISTA, A. Training structure of portuguese athletes. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. (Ed.). *10 Anos de Actividade Científica*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000. Cap.33. p. 270-279.

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. M. O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v.1, p. 130-137, 2001.

MATVÉIEV, L. P. *Fundamentos do treino desportivo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. (Horizontes de Cultura Física nº13).

MCPHERSON, S.; KERNODLE, M. Tactics, the neglected attribute of expertise: PR and performance skills in tennis. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. (Ed.). *Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise*. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 137-167.

Universidade do Porto, 1970.

_____. Contributo para a estruturação das tarefas no treino em voleibol In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Ed.). *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos* Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Tip. Minerva, 1996. Cap.8. p. 95-103.

_____. A magnitude adaptativa da técnica nos jogos desportivos. Fundamentos para o treino. In:TAVARES, F.; GRAÇA, A.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. (Ed.). *Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Multitema, 2008. Cap.9. p. 93-107.

MESQUITA, I. M. R.; GRAÇA, A. S. O conhecimento estratégico de um distribuidor de alto nível. *Treino Desportivo*, v.17, p. 15-20, 2002.

MORENO, J. H. *Fundamentos del deporte: Análisis de las estructuras del juego deportivo*. Barcelona: INDE Publicaciones, 1994.

MUSCH, E.; MERTENS, B. L'enseignement des sports collectifs: Une conception élaborée à l'ISEP de l'Université de Gand. *Revue de l'Education Physique*, v. 31, n. 1, p. 7-20, 1991.

NOGUEIRA, M. J. M. Análise da estrutura do treino, no escalão de iniciados e juvenis em futebol. (2005). 171 f. Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento - Faculdade de Desporto, Mário Nogueira, Porto, 2005.

NUNES, A. C.; BRANDÃO, E.; JANEIRA, M. As habilidades técnicas e os níveis de competição em basquetebol. Um estudo no escalão de seniores femininos. In: OLIVEIRA, J. (Ed.). *Estudos 4*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Saúde e Sá - Artes Gráficas, 2004. Cap.10. p. 105-111.

OLIVEIRA, J. G. G. Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo. (2004). 178 f. Mestrado (Mestrado) - Faculdade de Desporto, José Oliveira, Porto, 2004.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: Um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Revista Digital*, v. año 10, n. 71, 2004. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>>. Acesso em: 08-01-08.

OSLIN, J. L. Tactical approaches to teaching games. *The Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, v. 67, n. 1, p. 27-33, 1996.

PACHECO, R. Diferenças entre o futebol infantil e o futebol dos adultos. *Treino Desportivo*, v.28, p. 44-45, 2005.

PEREIRA, J. G. Treinar jovens: benefício ou risco? In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Ed.). *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva - Secretaria de Estado do Desporto, 1999. Cap.6. p. 65-70.

PUGNAIRE, A. R.; NIETO, J. R. Efecto diferencial del tipo de entrenamiento en el aprendizaje de algunos gestos técnicos en la iniciación al fútbol. In: GARGANTA, J.; SUAREZ, A. A.; PEÑAS, C. L. (Ed.). *A investigação em futebol. Estudos Ibéricos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Saúde e Sá - Artes Gráficas, 2002. Cap.10. p. 113-120.

RAMOS, Á. Treino da velocidade do futebolista: Análise do microciclo. *Treino Desportivo*, v.30, p. 10-15, 2006.

RAMOS, F. S. Como treinam as Seleções Nacionais de futebol jovem - o percurso do jogador. *Treino Desportivo*, v.11, p. 32-44, 2000.

RELVAS, H. (Des)ajustes entre treinadores e jovens atletas nos motivos para a prática desportiva. *Treino Desportivo*, v. 27, p. 04-09, 2005.

RIOS, N.; MESQUITA, I. As regularidades na aplicação do remate por zona 3 em função da oposição situacional do bloco. Estudo aplicado em equipas de Voleibol da 1ª Divisão Masculina - A2. In: OLIVEIRA, J. (Ed.). *Estudos 4*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Saúde e Sá - Artes Gráficas, 2004. Cap.4. p. 40-48.

- reinamento desportivo: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998. Cap.2. p. 27-48.
- SILVA, M. J. C.; FIGUEIREDO, A.; BRAL, F.; MALINA, R. Variáveis correlatas da motivação para a prática desportiva em jovens futebolistas masculinos de 13 a 14 anos de idade. *Treino Desportivo*, v. 19, p. 32-38, 2002.
- SILVA, M. J. C.; FIGUEIREDO, A.; GONÇALVES, C.; RAMOS, M. I. Fundamentos auxológicos do treino com jovens: conceitos, evidências, equívocos e recomendações. *Treino Desportivo*, v. 19, p. 4-15, 2002.
- SOBRAL, F. Os factores biosociais no rendimento desportivo dos jovens. In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Ed.). *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva - Secretaria de Estado do Desporto, 1999. Cap.5. p. 61-64.
- SOUZA, P.; GRECO, P. J.; PAULA, P. Tática e processos cognitivos subjacentes a tomada de decisões nos jogos desportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. (Ed.). *Temas Atuais V - Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Health Editora, 2000. p. 11-27.
- TANI, G. Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In: BARBANTI, V. J.; AMADIO, A. C.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T. (Ed.). *Esporte e atividade física - interação entre rendimento e saúde*. Barueri - SP: Editora Manole, 2002. Cap.9. p. 145-164.
- TANI, G.; SANTOS, S.; MEIRA JÚNIOR, C. D. M. O ensino da técnica e a aquisição de habilidades motoras no desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap.18. p. 225-240.
- TAVARES, F. A capacidade de decisão tática no jogador de basquetebol: estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes. (1993). (doutorado) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Fernando Tavares, Porto, 1993.
- _____. O processamento da informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, 1994. Cap.3. p. 35-46.
- TAVARES, F.; GRECO, P. J.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. (Ed.). *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 284-298.
- TENEMBAUM, G.; LIDOR, R. Research on Decision-Making and the use of cognitive strategies in sport settings. In: HACKFORTH, D.; DUDA, J.; LIDOR, R. (Ed.). *Handbook of research in applied sport and exercise psychology: International perspectives*. WV: Morgantown, 2005.
- TEODORESCU, L. *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Tradução de CURADO, J. Lisboa: Livros Horizontes Lda, 1984. (Horizonte de Cultura Física).
- THOMAS, K.; THOMAS, J. Developing expertise in sport: The relation of knowledge and performance. *International Journal of Sport Psychology*, v. 25, p. 295-312, 1994.
- THORPE, R. An 'understanding approach' to the teaching of tennis. *Bulletin of Physical Education*, v. 19, n. 1, p. 12-19, 1983.
- THORPE, R.; BUNKER, D. From theory to practice: two examples of an understanding approach to the teaching of games. *Bulletin of Physical Education*, v. 18, n. 1, p. 9-16, 1982.
- TSCHIENE, P. Lo stato attuale della teoria dell'allenamento. Analisi dello stato attuale della teoria dell'allenamento e della sua influenza sulla pratica nello sport di alto livello. *Rivista di Cultura Sportiva Scuola dello Sport*, v. Anno XX, n. 52, p. 2-6, 2001.
- TURNER, A.; MARTINEK, T. Teaching for understanding: a model for improving decision making during game play. *Quest*, v. 47, p. 44-63, 1995.

_____. Para uma teoria e metodologia científica do treinamento esportivo. A crise da concepção da periodização do treinamento no esporte de alto nível. *Revista Digital*, año 6, n. 32, 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd32/treinam.htm>>. Acesso em: 08-01-18.

_____. Os Horizontes de uma teoria e metodologia científica do treino desportivo. *Treino Desportivo*, v. 30, p. 46-53, 2006.

VIOLANTE, A. O trabalho com jovens atletas nas seleções nacionais de futebol - alta competição demasiado cedo? *Treino Desportivo*, n. especial 3, p. 48-56, 2000.

WERNER, P.; THORPE, R.; BUNKER, D. Teaching games for understanding. Evolution of a model. *The Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, v. 67, n. 1, p. 28-33, 1996.

WILLIAMS, A.; REILLY, T. Talent identification and development in soccer. *Journal of Sport Sciences*, v. 18, p. 657-667, 2000.

Contatos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos e ESEF/UFRGS

Fone: (51)3019-3493

Endereço: Rua Fernando Osório, 1887; Bairro: Teresópolis – Porto Alegre/RS; Cep: 91720-330

E-mail: claudia.candotti@ufrgs.br

Tramitação

Recebido em: 18/02/09

Aceito em: 15/03/11